

## RESENHA

### VICENT PEILLON. *ÉLOGE DU POLITIQUE: UNE INTRODUCTION AU XXI<sup>e</sup> SIÈCLE*<sup>1</sup>

Silvana de Souza Ramos<sup>2</sup>

O livro de Vincent Peillon *Éloge du politique. Une introduction au XXI<sup>e</sup> siècle* pretende abordar as relações entre a filosofia e a Cidade no intuito de recuperar o sentido da filosofia política na vida contemporânea, tendo em vista os acontecimentos que marcaram o século XX – as duas Grandes Guerras, o nazismo e o stalinismo, por exemplo – e a reverberação destes no início do século XXI. Ora, esses acontecimentos colocaram em xeque valores e utopias tradicionais, que mobilizaram a ação política no século XX (tais como a aposta no progresso e nas Luzes, do lado liberal, e na revolução, em termos marxistas), e parecem ter condenado o homem à desesperança – ao menos em termos de crença na força de ações coletivas para a busca de soluções práticas para os problemas que afligem a vida contemporânea.

Assim, a existência parece ter sido restringida ao campo privado onde se desenha a única fonte de satisfação para os anseios dos indivíduos. Esse recolhimento à vida privada é um sinal de que a experiência política se encontra esfacelada e de que o homem contemporâneo não enxerga qualquer vínculo entre seus desejos e aquilo que a vida pública – a vida na Cidade – poderia fornecer para satisfazê-los. Esse diagnóstico tem profundas consequências para a filosofia política, pois, se ele estiver inteiramente correto, a contemporaneidade é o tempo da morte da política de modo que a reflexão sobre esta só poderia ter um sentido nostálgico. Falar de política só poderia significar a rememoração de uma experiência perdida de satisfação, quando os homens ainda encontravam a boa vida por meio da ocupação do espaço público ao lado de seus pares, isto é, por meio da construção do destino da Cidade à qual estavam atrelados seus próprios destinos individuais.

A abordagem de Vincent Peillon não se rende, contudo, a essa visão meramente nostálgica da experiência na *polis*, vivida com intensidade, especialmente pelos antigos gregos, inventores da política. Na contracorrente de pensadores como Gilles Lipovetsky (autor de *A era do vazio*, livro onde é apresentada uma visão triunfante do radical

---

<sup>1</sup> Paris: Éditions du Seuil, 2011.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Filosofia da USP – São Paulo. E-mail: ramos\_si@hotmail.com.

individualismo contemporâneo, marca decisiva e inelutável da experiência no interior das democracias contemporâneas), Vincent Peillon pretende mostrar que há uma tradição do pensamento francês – que passa por autores como Merleau-Ponty, Claude Lefort e Cornelius Castoriadis – capaz de nos ajudar a ler a experiência do século XX e o legado desta para o século XXI, sem que para isso tenhamos de abandonar o horizonte da vida pública. É preciso deixar claro, porém, que o autor não fala da política enquanto “um complexo de poderes e de representações que nada têm a ver com a busca do bem comum e com a participação de todos nessa busca”,<sup>3</sup> mas sim da atividade cidadã indicada pelo conceito de “político”,<sup>4</sup> o qual envolve tanto o engajamento concreto nos problemas da Cidade quanto a racionalidade da vida comum, isto é, a produção de um pensamento crítico sobre a última, desafio enfrentado com dificuldade pela filosofia no conturbado contexto do mundo contemporâneo.

O elogio do político, anunciado no título da obra, não é, portanto, nostálgico ou niilista. Pelo contrário, trata-se de retomar uma espécie de linha do pensamento francês que, segundo Vincent Peillon, jamais esteve completamente presa às esperanças propagadas pelos séculos anteriores (à ideia de progresso ininterrupto ou à exigência de uma revolução enquanto destino inscrito nos subterrâneos da história) e que, por isso mesmo, poderia nos ajudar a pensar e a agir no momento histórico em que vivemos sobre as ruínas dessas esperanças. O elogio do político é, portanto, um convite à reflexão sobre o significado concreto da ação num momento em que não há mais no horizonte uma finalidade que pudesse dar-lhe de antemão uma orientação e um sentido precisos.

Assim, valendo-se de uma linguagem clara e de um discurso ágil, o autor aborda os principais conceitos usados para descrever a experiência da Modernidade – tais como a morte de Deus e a morte do homem – para então explicar como essa experiência reverbera no âmbito do político. Trata-se de retomar um mote tradicional da reflexão sobre a democracia, isto é, a aliança desta com o pensamento filosófico desde a Antiguidade – e aqui a figura de Sócrates, retomada algumas vezes por Merleau-Ponty, tem um papel central – para indicar que a vida na Cidade livre comporta sempre um excesso daquilo que pertence à ordem do direito em relação àquilo que se desenha no âmbito do fato.<sup>5</sup> Noutros termos, a partir de formulações de Merleau-Ponty e de outros autores, Vincent Peillon defende que não há, na Cidade contemporânea (assim como não havia na democracia antiga), coincidência entre fato e direito, de modo que o filósofo pode encontrar nesse lugar de não-coincidência um espaço público para produzir um pensamento crítico da Cidade sobre si mesma. Eis aí o lugar da filosofia política na contemporaneidade, lugar de busca pela verdade, e de compromisso político com essa questão sempre aberta, pois

---

<sup>3</sup> PEILLON, *Éloge du politique. Une introduction au XXI<sup>e</sup> siècle*, p. 12.

<sup>4</sup> PEILLON, *Éloge du politique...*, p. 12.

<sup>5</sup> PEILLON, *Éloge du politique...*, p. 136.

A verdade da qual se trata aqui [a de Sócrates interpretado por Merleau-Ponty] não é nem evidência, nem revelação, nem adequação. Ela é uma reserva de sentido, a possibilidade de outros pontos de vista, e por consequência a recusa de qualquer política suportada por um saber, por uma revelação ou por uma natureza, pela ciência, pela teologia ou pelo humanismo de pleno direito. Ela é uma verdade que buscamos mais do que possuímos.<sup>6</sup>

Porém, essa figura da busca aliada ao compromisso com a Cidade não encontra respaldo apenas em Sócrates. Também distante dos modelos liberais e marxistas, a obra de Maquiavel aparece como aquela que fornece uma verdadeira compreensão do político uma vez que não a subordina a valores externos à arena da ação pública. Em Maquiavel, o político se apresenta por seus próprios meios, mas, salienta o autor, não se trata de fazer um simples elogio da amoralidade e da astúcia no âmbito da ação. A categoria central trazida à tona de maneira original pelo autor florentino é a de conflito:

Numerosos filósofos reconhecem a dimensão conflitiva da existência social, e esta não é a especificidade do florentino. A originalidade de Maquiavel é propor uma compreensão diferente do próprio conflito. A alternativa não será, como o é ordinariamente, entre a degeneração do conflito e a vontade de dar-lhe um termo, seja pelo contrato hobbesiano, pelo contrato republicano de Rousseau, seja pela revolução e a sociedade sem classes.<sup>7</sup>

Em Maquiavel, como mostram os trabalhos de Merleau-Ponty, de Claude Lefort, ou mesmo de J. G. A. Pocock ou de Q. Skinner, o conflito atravessa a Cidade, pois ele é uma presença contínua que paradoxalmente reúne os cidadãos por meio da instituição de leis e de formas aceitáveis (embora sempre, de direito, contestáveis) de convívio. O conflito humaniza as relações sociais, sem idealizá-las e, por isso, ele mantém a Cidade aberta à busca de sua própria verdade, de modo que o político, também segundo a matriz maquiaveliana, pode ser compreendido segundo seu laço com a filosofia.<sup>8</sup>

Isso significa que o elogio do político exige o abandono de um princípio moral que daria sentido à alternativa entre esperança e desespero. Decerto, a virtude do político reside na sua capacidade de lidar com os conflitos que atravessam a experiência democrática, o que exige, por sua vez, uma reflexão sobre o poder e sobre o acesso dos

---

<sup>6</sup> PEILLON, *Éloge du politique...*, p. 137.

<sup>7</sup> PEILLON, *Éloge du politique...*, p. 142.

<sup>8</sup> PEILLON, *Éloge du politique...*, p. 144.

sem-poder às instâncias deste. Afinal, como garantir que o poder não seja injusto? Como manter o elo entre o poder e aqueles que estão sujeitos às suas ações? Como evitar que esse poder se autonomize e se torne indiferente ao desejo do povo?<sup>9</sup> Como evitar, por fim, que o político se reduza à política, feita por profissionais, comprometidos apenas com interesses privados?

Na esteira de Maquiavel, o autor afirma que o poder tem de persuadir, convencer, quer dizer, ele necessita da aprovação do povo, mas nunca tem uma garantia absoluta desse aval. Por consequência, os políticos nunca podem se tornar, na democracia, os únicos atores, os únicos responsáveis pela condução do destino da Cidade. Assim, o campo social, onde podem surgir outros atores da vida pública (sindicalistas, artistas, intelectuais, trabalhadores e militantes diversos), ganha uma dimensão política. Dimensão que só pode ser garantida em seu exercício pela existência de um espaço de debate político direcionado pela busca do bem comum. Ali seria possível uma reflexão aberta, isto é, jamais respaldada por um saber último ou absoluto, que se apresentaria, portanto, nos moldes da incerteza e da busca, abrindo campo para novas formas de luta política na contemporaneidade.

Tais formulações, por um lado, mostram que o livro de Vincent Peillon tem diversos méritos: repõe as discussões sobre a democracia na contemporaneidade de maneira pertinente, traz para a cena deste debate personagens que não costumam ocupar o posto de protagonistas no interior da filosofia política e mostra que há na França uma tradição de pensamento político que continua pertinente, a despeito (ou por causa) da derrocada de certos ideais e esperanças, projetados seja pelo liberalismo seja pelo marxismo, uma vez que fornecem subsídios para uma reflexão sobre a democracia e seus impasses. Por outro lado, visto que o intuito do livro é o de apresentar uma introdução ao século XXI, falta-lhe um olhar mais crítico sobre o constante movimento que, pela prevalência de interesses econômicos, inviabiliza o verdadeiro trabalho do conflito no interior das democracias contemporâneas, solapando, com isso, a maturação de novas formas de luta política.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEFORT, Claude. *A Invenção Democrática. Os limites da dominação totalitária*. Tradução: Isabel Loureiro e M. Leonor Loureiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

\_\_\_\_\_. *Le travail de l'oeuvre. Machiavel*. Paris: Gallimard, 1972.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução: T. M. Deutsch. Barueri: Manole, 2005.

---

<sup>9</sup> PEILLON, *Éloge du politique...*, p. 150.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Éloge de la philosophie*. Paris: Gallimard, 2005.

\_\_\_\_\_. *Signes*. Paris: Gallimard, 2003.